

Um mundo re-visto, re-soado.

A flexibilidade das imagens, ou de suas representações e significados particulares, são evidenciados neste número de DAPesquisa. No texto *Pés e Cansaços*, Clarissa Santos Silva faz uma leitura da obra *Descanso* (1955), de Hugo Mund. Em *Outros Espaços*, Clediane Lourenço discute a cidade como campo de investigação das artes visuais. Luciana Pereira Silva evidencia, em *Canção Morena*, a análise musical a partir de uma leitura ao mesmo tempo literária e musical, e *O Teatro Negro Proposto Pela Cia. Espaço Preto*, de Anderson Ferreira do Nascimento, reconta experiências de jovens que, em cena, usaram da arte marginal para se colocarem como foco. Imagem reflexiva, de Filipe Aguiar Cargnin e Gabriela Botelho Mager, trata de imagens que, no Design, se autorreferenciam, e em *Considerações Climáticas*, Leandro Henrique Merino Mombach mostra a influência da paisagem na expansão e contração da madeira em violões.

Esta multiplicidade de experimentações e propostas conceituais, baseadas em questões ligadas às linguagens artísticas, ao circuito da arte ou ao contexto sociopolítico, é uma das características desta revista. Este número é reflexo de uma multimodalidade na qual som, imagem e texto estão profundamente envolvidos nos significados um do outro. Embora estejamos longe de apontar um horizonte consensual de interpretação – que de forma alguma buscamos- acreditamos que esta coesão entre os diversos artigos seja resultado de uma convergência cada vez maior entre os meios, plataformas e conteúdos. Em meados do século XX o fotolito colocou imagem e texto na mesma página. Duas décadas depois, o digital uniu imagem, texto e som nos mesmos processos de fabricação e transmissão.

Existe um atrelamento etimológico mais do que incidental entre "imagem" e "imaginação". "Som" vem do latim "sonitus", que é o particípio passado do verbo "sonare": "soar, fazer som". A palavra "cidade" também tem a sua origem no latim, e vem de civitas, que significava originalmente "condição de cidadão". Cidadania, soar, imagem e imaginação podem articular esperanças e aspirações. Um mundo re-visto, re-soado, é um mundo transformado. Vivemos uma época de ameaças trágicas cujos

indícios e implicações devem ser vinculados à imagem e ao conhecimento. A Arte, o trabalho, a distribuição da riqueza, a intimidade, o cotidiano e a Democracia estão sendo redesenhados. Tudo indica que será preciso, como disse Camus, desenvolver uma arte de viver para esses tempos de catástrofe, lutar francamente contra o instinto de morte na obra da nossa história. Quem sabe, “naquele banco de praça, ao pôr-do-sol rajado da cidade de Florianópolis”, como no texto que abre esta edição.

Professora Monique Vandresen

Editora

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Centro de Artes

Volume 13 – Número 20 – Ano 2018

dapesquisa@gmail.com